

CULTURA ESCOLAR E ENSINO DE HISTÓRIA: USOS DAS MEMÓRIAS NA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO BELO/JACOBINA-BA

Daniela Nunes Silva Vieira ¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, que investiga os usos da memória no ensino de História na Escola Municipal João Belo, localizada em Jacobina-BA. Com base em referenciais teóricos como Nora (1993), Halbwachs (2004), Certeau (1994), Fonseca (2003) e Julia (1995), a pesquisa analisou como memórias individuais e coletivas contribuem para a constituição da cultura escolar e a construção da identidade institucional. A investigação foi conduzida por meio de estudo de caso, utilizando observações do cotidiano escolar, análise de fontes orais, escritas e iconográficas, bem como rodas de conversa com professores e alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Os resultados indicam que há forte presença de uma cultura de solidariedade na instituição, porém com limitações nos espaços de convivência e lazer, o que impacta negativamente na qualidade da educação. Constatou-se que o ensino de História ainda está atrelado a uma perspectiva nacionalista e tradicional, com pouco espaço para a valorização da história local e das vivências dos alunos. Como ação interventiva, foi proposto coletivamente um projeto de criação de um Centro de Memória Escolar, com o objetivo de promover o sentimento de pertencimento e contribuir para uma prática pedagógica mais contextualizada e significativa. A pesquisa evidencia a importância de se repensar o ensino de História a partir da cultura escolar e das memórias vividas, como forma de enriquecer o processo educativo e fortalecer os vínculos entre escola e comunidade.

Palavras-chave: Cultura Escolar, Ensino de História, Memória.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a cultura escolar e o ensino de História por meio dos usos da memória, buscando compreender o fazer cotidiano de professores e

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Estado da Bahia, danielansvv@hotmail.com



alunos da Escola Municipal João Belo, que atende turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. As características do ambiente, as normas institucionais e o espaço escolar foram reconhecidos como elementos constitutivos da cultura escolar, possibilitando uma compreensão mais ampla da cultura de ensino de História na referida unidade.

A partir da análise de fontes orais, escritas e iconográficas, bem como de rodas de conversa, foi possível observar como a memória tem sido utilizada na escola, localizada no município de Jacobina-BA. O estudo configura-se como um estudo de caso, voltado para aspectos intrínsecos e particulares do cotidiano escolar e das práticas pedagógicas. Destaca-se, especialmente, o modo singular como os sujeitos pesquisados recorrem às suas memórias nas aulas de História e nas dinâmicas do espaço escolar.

Compreendemos a memória, tanto individual quanto coletiva, como um elemento fundamental na construção das identidades institucional, pessoal e local. Os sujeitos participantes da pesquisa foram professores e alunos da Escola Municipal João Belo. A investigação adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, tendo como categorias de análise a cultura escolar, a memória e o ensino de História. As principais referências teóricas utilizadas foram: Nora (1993), Certeau (1982, 1994), Pollak (1992), Halbwachs (2004), Hall (2006), Fenelon (1987), Fonseca (2003, 2009), Guimarães (2003), Silva (2007), Zamboni (1993), Julia (1995) e Forquin (1989).

Os resultados da pesquisa empírica revelaram a presença de uma cultura de solidariedade na escola, refletida em diversas ações institucionais. Entretanto, a análise do espaço e do cotidiano escolar evidenciou que o ambiente apresenta limitações para a convivência, o lazer e as atividades coletivas, o que impacta diretamente na qualidade da educação.

Verificou-se, ainda, que o ensino de História tem dado pouca atenção à história local, priorizando abordagens voltadas ao nacionalismo, o que contribui para a ausência de contextualização dos conteúdos para os estudantes da instituição. Como ação interventiva, propôs-se a construção coletiva de um projeto de **Centro de Memória** na Escola Municipal João Belo, com o propósito de fortalecer a identidade e o sentimento de pertencimento de professores e alunos, além de contribuir para a valorização da história local e para a melhoria da qualidade do ensino de História.

METODOLOGIA



Esta pesquisa teve início a partir de uma pergunta norteadora: **como a memória vem sendo utilizada na Escola Municipal João Belo como elemento constitutivo da cultura escolar durante as aulas de História?** Essa questão abrange três categorias teóricas centrais — **memória, cultura escolar e ensino de História** — e exigiu a definição de uma estratégia metodológica capaz de revelar como tais categorias se articulam no contexto da escola João Belo. O objetivo foi compreender de que maneira a memória é construída e compartilhada na cultura escolar, especialmente no âmbito das aulas de História.

Desde o início, tornou-se evidente que tanto a cultura escolar quanto a memória não se formam exclusivamente nas aulas de História. Essa percepção constituiu um dos primeiros desafios da investigação. A hipótese inicial sugeria que as respostas estariam concentradas no espaço da sala de aula; contudo, o trabalho de campo revelou que memória e cultura escolar se manifestam de forma ampla e dinâmica em todo o cotidiano da escola, permeando práticas, relações e vivências.

Apesar de já conhecermos a rotina da instituição, foi necessário “**reeducar o olhar**” — acostumado ao cotidiano e às repetições — para enxergar o familiar de modo investigativo, reconhecendo que o que parecia igual podia, na verdade, revelar novas significações. Assim, o ambiente de trabalho transformou-se em **lugar de pesquisa**, possibilitando um olhar mais atento sobre a realidade da Escola Municipal João Belo.

Historicamente, os **estudos de caso** não eram muito comuns na área da Educação. Inicialmente, esse tipo de abordagem foi amplamente utilizado nas áreas da **Saúde, Sociologia e Antropologia**, por se tratar de um método voltado à análise aprofundada de contextos específicos e de suas particularidades. Com o passar do tempo, especialmente nas décadas de **1960 e 1970**, os estudos de caso passaram a ganhar espaço no campo educacional, com o objetivo de descrever e compreender fenômenos escolares — envolvendo alunos, docentes, práticas pedagógicas ou o próprio espaço físico da escola.

Trata-se, portanto, de um tipo de pesquisa **pontual, aprofundada e contextualizada**, que busca compreender as singularidades de um determinado lócus e de seus sujeitos, permitindo uma aproximação densa e significativa da realidade estudada.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao propor um olhar investigativo sobre os usos da memória no universo escolar, o objetivo desta pesquisa foi analisar os significados atribuídos à memória pelos sujeitos envolvidos, compreendendo como ela é produzida, preservada e mobilizada no cotidiano da escola. Buscou-se, ainda, identificar quem produz essas memórias, em quais circunstâncias e de que forma os sujeitos se expressam dentro da rede social construída na instituição — espaço que se configura como um campo de poder, de tensões e de disputas simbólicas.

No contexto escolar, diversas memórias são propagadas, sobretudo nas aulas de História. Observou-se, entretanto, que muitas das narrativas apresentadas nesse componente curricular não dialogam com a realidade dos alunos nem com a comunidade em que a escola está inserida. Essa constatação orientou o aprofundamento teórico do estudo, apoiado em autores que problematizam a relação entre cultura escolar, memória e ensino de História, como Circe Maria Fernandes Bittencourt (2009), Selva Guimarães (2014), Patrícia Bastos de Azevedo (2010), Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro (2007), Susana Barbosa Ribeiro Bernardo (2007), Marcos Silva (2013), Carlos Augusto Lima Ferreira (2016), Dominique Julia (1995), Pierre Nora (1993), Maurice Halbwachs (2011) e Jean-Claude Forquin (1989).

Atualmente, os debates sobre a escola e o ensino de História no Brasil ganham relevância, especialmente em um contexto de crise política e de incertezas. Refletir sobre a educação, nesse cenário, torna-se essencial para repensar o tipo de escola que temos e o modelo de escola que desejamos construir. Essa instabilidade sociopolítica repercute diretamente nas transformações curriculares e nas práticas de ensino da disciplina de História.

Desde sua introdução no período regencial, o ensino de História no Brasil foi marcado por ideais nacionalistas e patrióticos, buscando formar uma identidade nacional. Essa perspectiva perdurou até o final do século XX, sendo fortemente reforçada durante a ditadura militar, quando predominavam narrativas lineares, biografias heroicas e



discursos voltados à manutenção da ordem social. O papel do professor, nesse modelo, limitava-se à reprodução acrítica dos conteúdos.

Os resultados desta pesquisa indicam que vestígios desse período ainda permanecem presentes nas salas de aula brasileiras. Contudo, identificam-se também influências das transformações curriculares decorrentes da redemocratização, como a incorporação de temas ligados ao cotidiano — uma contribuição do movimento da **Nova História**, de matriz francesa.

Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizados diferentes dispositivos metodológicos, como **observações diretas**, **rodas de conversa** e **análise de fontes escritas e iconográficas**, buscando construir dados e interpretá-los de forma sistemática. O produto final dessa investigação foi a **elaboração coletiva de um Projeto de Centro de Memória Escolar**, concebido como um legado para a Escola Municipal João Belo, visando fortalecer o ensino de História, valorizar a cultura escolar e estimular o sentimento de pertencimento entre os sujeitos da comunidade educativa.

Essa iniciativa também busca incentivar o professor da educação básica a assumir uma postura investigativa, produzindo seus próprios materiais de ensino e contribuindo para a **descentralização do saber histórico**, conforme já defendiam autores como **Marcos Silva (2013)** e **Déa Fenelon (1989)** desde a década de 1980.

Nos últimos anos, o ensino de História tem sido amplamente discutido em eventos nacionais, como os **Encontros Nacionais de Pesquisadores do Ensino de História**, as **Perspectivas do Ensino de História** e os **congressos da ANPUH**, que vêm fortalecendo o debate sobre as dimensões culturais, sociais e antropológicas da disciplina. Inspirada por esse movimento, esta pesquisa buscou dialogar com os campos da cultura escolar, da memória e do ensino de História, ultrapassando a dimensão puramente disciplinar e escolar.

A pesquisa, de natureza aplicada, teve como propósito investigar os usos das memórias no cotidiano da Escola Municipal João Belo, buscando compreender como elas são utilizadas e ressignificadas nas práticas diárias, de modo a contribuir para a reflexão sobre a importância dessa temática no contexto escolar.



Um dos principais desafios enfrentados foi lidar com a **subjetividade**, característica inerente às pesquisas qualitativas. Nesta investigação, considerou-se que pesquisador e sujeitos fazem parte de um processo dialógico de construção do conhecimento, em que os diferentes pontos de vista são valorizados. Durante muito tempo, esse tipo de abordagem foi questionado por sua suposta falta de objetividade e rigor metodológico; contudo, as reformulações teóricas recentes contribuíram para o fortalecimento e a validação das pesquisas qualitativas no campo educacional.

As observações realizadas permitiram compreender a dinâmica cotidiana do lócus investigado. Entre novembro e dezembro de 2016, foram acompanhados **dez dias letivos**, alternados, com foco nas aulas de História. As situações observadas foram registradas em um **diário de campo**, no qual o pesquisador anotou impressões e reflexões sobre o ambiente e as interações observadas.

Paralelamente, procedeu-se à **análise de documentos escolares**, como diários de classe e registros administrativos, a fim de identificar como o ensino de História é conduzido, quais conteúdos são abordados e de que modo a temática da memória aparece nos registros pedagógicos. Essa análise atendeu a dois objetivos específicos: (1) verificar como o tema da memória é tratado nos documentos oficiais que orientam o ensino de História; e (2) analisar as produções docentes e da gestão escolar sobre a disciplina ao longo dos anos.

Os resultados obtidos evidenciam que o uso da memória na Escola João Belo constitui um elemento importante da cultura escolar, capaz de inspirar novas práticas e reflexões pedagógicas. Além disso, o estudo fornece subsídios que podem ser aplicados em outras instituições, contribuindo para o fortalecimento da memória como dimensão formadora no ambiente escolar.

Por fim, a pesquisa exigiu do pesquisador uma postura ética, crítica e sensível diante da realidade estudada. Observar um ambiente familiar sob o olhar investigativo demandou preparo intelectual, emocional e metodológico, reafirmando o compromisso com a produção de um conhecimento rigoroso, significativo e comprometido com a transformação do espaço educativo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incitações pessoais nos conduziram por caminhos sinuosos, que resultaram em descobertas significativas. Foi necessário **educar o olhar** para perceber as relações estabelecidas entre as pessoas e a instituição escolar, compreendendo os laços de solidariedade, as afinidades e as conexões que ultrapassam os muros da escola, envolvendo pais, alunos e funcionários. Essa percepção permitiu compreender a presença do **afeto** e da **ajuda mútua** que permeiam o ambiente escolar e que tornam as lutas cotidianas menos árduas. Na educação, não é possível trabalhar de forma isolada — é preciso criar **parcerias**, **trocar experiências** e **construir coletivamente**. Na Escola Municipal João Belo, identificamos muitas dessas características, que favorecem a convivência e fortalecem o tecido social da comunidade escolar.

Um fator essencial nessa dinâmica é a **participação da comunidade local**. Durante a pesquisa, observamos uma forte relação de colaboração entre escola e comunidade. O fato de a instituição se situar em uma região mais distante do centro da cidade contribuiu para a formação de uma **rede solidária**, onde a cooperação se torna uma necessidade. Embora essa relação, por vezes, enfrente dificuldades e desencontros, constatamos em diversos momentos que ela se efetiva de forma positiva e produtiva.

As **rodas de conversa com os alunos** foram fundamentais para compreender suas percepções sobre a escola e o ensino de História, permitindo também acessar suas memórias e experiências. Nesses diálogos, emergiu uma questão estrutural importante: a **limitação dos espaços de lazer**. A carência de ambientes destinados à recreação e ao convívio coletivo restringe as possibilidades de experiências lúdicas e dificulta a interação entre os estudantes.

Observamos que a escola prioriza a ampliação de salas de aula, o que compromete as áreas destinadas ao lazer e à socialização. Essa configuração espacial reflete diretamente no número reduzido de **eventos coletivos**, prejudicando o convívio entre alunos de turmas diferentes e a participação das famílias nas ações escolares. Além disso, verificamos que a **sala de aula ainda é o principal cenário das atividades educativas**, enquanto espaços como a biblioteca, a sala de informática, a brinquedoteca e as atividades extraclasse são utilizados apenas de forma **esporádica**.



Essas características remetem a um modelo educacional ainda fortemente marcado por práticas do século XX — uma **educação tradicional**, centrada no controle do tempo e do espaço, na valorização da uniformidade e na ênfase do aprendizado entre paredes, regulado por sirenes e normas rígidas. Trata-se de uma escola que, em parte, ainda reproduz uma cultura disciplinadora e homogeneizadora.

Em relação ao ensino de História, constatamos uma predominância de **narrativas nacionalistas**, estruturadas em torno de **datas comemorativas** e **atos políticos**, com pouco espaço para a expressão das experiências e memórias dos alunos. O protagonismo continua nas mãos do professor e do livro didático, em detrimento das vivências locais e das histórias cotidianas da comunidade.

Essa realidade reflete, em parte, uma **política de expansão da rede pública de ensino** que, embora tenha ampliado o acesso, nem sempre assegurou a qualidade necessária. Tal cenário aproxima-se do que **Gramsci (2011)** e **Werneck Vianna (1997)** denominam “**revolução passiva**”, marcada por uma **pedagogia do consenso**, na qual a educação se torna precarizada e o trabalho docente é progressivamente desvalorizado. O resultado é a crescente apatia dos estudantes e a redução do potencial crítico do processo educativo.

No campo do ensino de História, essa abordagem tende a restringir o currículo a narrativas sobre a **chegada dos portugueses**, as **relações com os povos indígenas** e a **escravidão africana**. Esses temas, embora fundamentais, são constantemente repetidos e acabam constituindo o núcleo quase exclusivo da memória histórica dos alunos. As **rodas de conversa** realizadas revelaram que tais assuntos são os mais lembrados e citados, o que evidencia uma **repetição temática** que atravessa os diferentes anos do Ensino Fundamental, limitando a ampliação do repertório histórico e a valorização das experiências locais.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). História na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 2010.



FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de História e a realidade do ensino. Caderno Cedes, n. 8. 1987.

FONSECA, Selva Guimarães. Como nos tornamos professores de história: a formação inicial e continuada. In: Didática e Prática de Ensino de História. Campinas: Papirus, 2003.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Revista Brasileira de História da Educação nº1 jan./jun. Campinas, 2001.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. Revista História & Ensino, Londrina, v.9, p.9-35, out.2003.

NADAI, Elza. O ensino de história e a “pedagogia do cidadão”. In: O ensino de história e a criação do fato/Jaime Pink (org.) -5ª ed. São Paulo: Contexto,1992. – (Coleção Repensando o ensino) ZAMBONI, Ernesta. O ensino de história e a construção da identidade. São Paulo: SEE/Cenp, 1993.

